

Cultura e cartografias identitárias no outono do medievo de johan huizinga

Culture and identity cartographs in johan huizinga's medieval autumn

Pávula Maria Sales Nascimento¹

RESUMO: No início do século XX quando ainda era latente a emergência de uma “História Cultural”, o historiador holandês Johan Huizinga (1872-1945) surge como uma voz dissonante a traçar os hábitos, emoções e a vida dos homens na Europa entre os séculos XIV e XV. O presente trabalho tem como objetivo problematizar a recepção dualista de Huizinga acerca do medievo onde a mesma carrega em si os elementos que delineiam a concepção deste historiador acerca da História, entendida como uma atividade do espírito que se projeta sobre as fontes que o passado produziu. Relativizando certezas e reconhecendo as contradições da disciplina histórica, buscaremos identificar as marcas e contornos identitários dos homens do medievo cartografados por Huizinga em seu trabalho mais conhecido: *O Outono da Idade Média*.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura, Identidade, Medievo, Huizinga.

ABSTRACT: At the beginning of the twentieth century when the emergence of a "Cultural history" was still latent, the Dutch historian Johan Huizinga (1872-1945) emerges as a dissonant voice to trace the habits, emotions and life of men and women in Europe between the 14th and 15th centuries. The present work aims to problematize the dualistic reception of Huizinga about the Middle Ages where it carries in itself the elements that outline the conception of this historian about the history understood as an activity of the spirit that protrudes from the sources that the past produced. Relativizing certainties and recognizing the contradictions of historical discipline, We will seek to identify the marks and identity contours of the men of the Middle Ages cartographed by Huizinga in his most famous work: *The Autumn of the Middle Ages*.

KEYWORDS: Culture, Identity, Middle Ages, Huizinga.

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Mestre em História, Cultura e Sociedade pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG. Atualmente é professora assistente da Unidade Acadêmica de História da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG.. E-mail: pavulamaria@yahoo.com.br



Em 1905, quando assumiu a cátedra de professor de História da Universidade de Groningen na Holanda, uma grande inquietação invadia os pensamentos do historiador holandês Johan Huizinga: como se posicionar publicamente em relação aos fundamentos da disciplina histórica?

Esta indagação colocava Huizinga diante de uma reflexão acerca de sua trajetória acadêmica, pois embora tivesse exercido anteriormente o posto de docente em História na Escola Superior de Haarlem por influência de P.J.Blok, quando reconheceu que “era agora um professor de história, mas de maneira nenhuma um historiador”², foi somente ao assumir a cátedra em Groningen que ele se sentiu à vontade para dizer que seu caminho para a História estava completo³.

Em seu discurso de nomeação em Groningen, intitulado “*Het aesthetische bestanddeet van geschiedkundige voorstellingen*” (“O elemento estético das representações históricas”), Huizinga afirma seu lugar de fala quando diz:

...se um juízo claro e bem ponderado sobre a natureza geral da história só é prerrogativa de quem chegou ao fim de uma longa viagem, o que pode fazer quem, ao invés, recém se pôs em marcha e, todavia, vislumbra diante de si, entre a névoa matutina, a entrada do bosque? Quando quem assim é chamado a empreender a viagem como guia de outros, é necessário que reflita seriamente sobre o caminho a escolher e sobre as provisões a levar consigo. Com esse estado de ânimo tenho intentado traçar as linhas de pensamento que me assinalam o caminho no árduo encargo que hoje assumo (HUIZINGA, 1905, p.01).

Nesse exercício, Huizinga toma a problemática o elemento estético das representações históricas como ponto de partida para suas reflexões. Ora, esta escolha não é deliberada.

Embora Huizinga tenha dedicado grande parte dos seus estudos anteriores às culturas orientais⁴, em 1902 uma grande exposição da Bugres medieval deixa suas marcas no historiador, inspirando-o a escrever sua obra posterior *O Outono da Idade Média*. Além disso, uma outra problemática assumia o ponto de pauta de seu discurso: a crise de paradigmas do conhecimento histórico que, desde finais do século XIX debruçava-se sobre si, buscando compreender seus objetos de interesse e a legitimidade dos seus domínios.

Huizinga, num movimento um tanto “perigoso”, onde estavam em disputa o debate de opiniões sobre a natureza do conhecimento histórico, formula seu ponto de vista acerca da

² HUIZINGA, Johan. My path to History. In: Dutch Civilization in the Seventeenth Century and other essays. Londres: Collins, 1968. p.262-263. “I was now a teacher of history, but not at all a sound historian”.

³ HUIZINGA, Johan. My path to History. In: Dutch Civilization in the Seventeenth Century and other essays. Londres: Collins, 1968. p.269. “My path to History was thus completed”

⁴ Huizinga tinha paixão pelo sânscrito, tema de seu doutorado em 1897 e pela cultura da Índia antiga. Em 1903 chegou a ser admitido como professor em arqueologia e linguística da Índia primitiva na Universidade de Amsterdam.



disciplina apresentando as ideias que marcavam seus estudos e pesquisas em história.

Realizando um breve mapeamento no seu discurso, é possível observar as linhas que orientam a sua compreensão de história, tendo como ponto de partida a crítica ao positivismo histórico e a discussão acerca dos limites e possibilidades da aproximação entre história e ciência (nos moldes das ciências naturais). Utilizando-se do conceito de “ideia histórica”, como organização mental para dar forma ao passado, Huizinga demarcava o campo que diferenciava as abstrações da disciplina histórica e aquelas típicas das ciências positivas.

De forma semelhante, Huizinga reconhece o caráter subjetivo que acompanha a construção do conhecimento histórico na medida em que:

A negação do elemento subjetivo na formação do conhecimento histórico só fazia abrir brechas para um tipo de dogmatismo que deturpava a verdadeira índole desse saber” (RIBEIRO, 2010, p. 246).

Desta forma, a reflexão sobre o caráter intuitivo da história não significava fragilizar a sua imagem frente às outras ciências, mas ponderar sobre o tipo de saber que a mesma se configurava. Assim, a noção de compreensão histórica concebida por Huizinga, englobava um caráter de imaginação, visão histórica e sentido histórico que, a seu ver, falavam da “essência da formação dos conceitos históricos” (HUIZINGA, 1905, p.06).

Cabe ressaltar que a noção de imaginação histórica para o historiador holandês está relacionada a um duplo sentido, aquela que remete à forma que o historiador dá à matéria-prima e a maneira pela qual ele capta, entende o significado e a relação entre os fatos. Desta forma, percebemos um interesse pela criação da “bela forma” está relacionada a sua formulação da compreensão histórica como uma “evocação de imagens”, ou melhor, como a habilidade de evocar imagens, remetendo assim à um conceito de “visão” onde as artes figurativas atuavam de forma auxiliar tendo a função epistemológica de “reviver” o passado.

O estilo historiográfico de Huizinga sobre os propósitos da cultura histórica está reunido no manifesto de 1929, “A tarefa da história cultural”, onde ele declara que:

O principal objetivo do historiador da cultura é aquele que diz respeito à morfologia. É retratar padrões de cultura, em outras palavras, descrever pensamentos e sentimentos e suas expressões ou materializações em obras literárias e de arte (BURKE, Peter. *Apud* HUIZINGA, Johan, 2010, p. 600).

Estes “padrões de cultura” seriam sugeridos pelo historiador ao estudar os motivos, símbolos, sentimentos, figuras e temas de uma determinada época. E foi justamente assim que Huizinga procedeu ao elaborar *O Outono da Idade Média*, onde temas como declínio, o

simbolismo na arte e no pensamento e sentimentos como a preocupação com a morte estão presentes através do procedimento descrito anteriormente, onde o autor busca formar uma ideia de uma época.

Vale ressaltar que, embora o termo “padrões de cultura” nos leve a pensar um conceito fechado e homogêneo, não é necessariamente neste sentido que Huizinga o utiliza. O sentido de ideia geral não diz respeito a explicações puramente generalizantes, bem como não abarca a produção pura de histórias individuais mas, digamos, um meio caminho entre ambas. Como reconhece o próprio Huizinga: “Quão árida é a história se só reconheço como importante os fenômenos coletivos!” (HUIZINGA, 1905, p. 07).

Para o historiador Peter Burke, Huizinga figura como um dos grandes representantes da História Cultural Clássica, ao lado do suíço Jacob Burckhardt uma vez que ambos nortearam suas obras sob a base de que o historiador “pinta o retrato de uma época” (BURKE, Peter. 2005, p. 16). Segundo ele, tanto Huizinga como Burckhardt “liam” pinturas, poemas e outras formas de expressão artística como evidências da cultura e do período em que foram produzidos. Assim, lhes importavam as conexões entre as diferentes artes no sentido da existência hegeliana de um *Zeitgeist*, o “espírito de uma época”.

Huizinga e os Outonos no Medievo: cartografando contornos identitários

O *Outono da Idade Média* foi publicado em 1919 e nele Huizinga objetivava compreender as formas de vida, pensamento e arte na França e nos Países Baixos entre os séculos XIV e XV. A publicação no Brasil da obra completa só ocorreu em 2010 e até então apenas a versão portuguesa de 1978 estava disponível carregando ainda o título da tradução francesa “O declínio da Idade Média” que, segundo Jacques Le Goff foi infeliz por transmitir a ideia de desvalorização moral que não está presente no título original. Com “outono”, Huizinga pretendia transmitir a ideia de maturidade, ápice e limite do período proposto.

Entretanto, embora remeta aos séculos XIV e XV, Burke compreende esta obra como “extremamente pessoal” na medida em que nela figuram as visões idílicas do medievo da infância de Huizinga, bem como a mesma carrega um sentimento de decadência que circulava no final do século XIX. Nesse sentido, faz-se necessária uma dupla reflexão acerca das possibilidades e limites de identificarmos as marcas e contornos identitários dos homens do medievo cartografados por Huizinga. É preciso olhar também para o autor, pelo seu próprio trabalho de construção de sujeito histórico marcado por um período conturbado. Segundo Burke:

A aversão de Huizinga pelo mundo moderno, o mundo das máquinas e do declínio das formas (para não mencionar a Primeira Guerra Mundial), fez dele um nostálgico da cultura medieval [...] Essa nostalgia por aquilo que não deveria acabar e pelo que em sua própria época se sabia decadente confere a *O outono da Idade Média* uma vida própria, sua percepção da melancolia e da transitoriedade, bem como seu poder sobre as emoções do leitor (BURKE, Peter. *Apud* HUIZINGA, Johan, 2010, p. 600).

Falar, portanto, de “identidade” em *O Outono da Idade Média* é fugir um pouco do que Stuart Hall identifica como “concepção de sujeito pós-moderno” onde a identidade vista como algo unificado, seguro e coerente não passa de fantasia. Pelo contrário, é definida historicamente como uma “celebração do móvel” onde o sujeito assume identidades diferentes, não unificadas ao redor de um “eu” coerente (HALL, 2005).

Para traduzir o homem do medievo, Huizinga aparentemente se utiliza de uma concepção identitária que está mais relacionada à concepção do sujeito sociológico posto que, segundo esta concepção o:

[...] núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – do mundo que ele/ela habitava. G.H. Mead, C.H. Cooley e os interacionistas simbólicos são as figuras-chave na sociologia que elaboraram esta concepção “interativa” da identidade e do eu. De acordo com esta visão, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade (HALL, 2005, p. 11)

Se o *Outono da Idade Média* se fragiliza por não levar em consideração as particularidades regionais do espaço que aborda, por outro foge de ser uma obra puramente abstrata. Nela figuram homens e mulheres, artistas, poetas, reis e príncipes através das histórias de Chastellain, Froissard, Eustache Deschamps, Meschinot, Mathieu d'Escouchy, Jean Gerson, Dionísio Cartuxo, Ruysbroeck, Eckhart, Suso, Tauler. Estas personagens dão um colorido à narrativa de Huizinga em uma época onde ainda predominava um estilo de escrita com resquícios de positivismo.

Essa habilidade de evocar imagens faz de Huizinga um historiador que moldou a Idade Média à sombra de homens e mulheres que tinham como marca o signo da contradição, da piedade lacrimosa à frígida crueldade, da lágrima desmedida à paixão das convicções.

Uma das alegorias que bem demonstram essa contradição aparece n' *O outono da Idade*

Média através da imagem da morte:

Desde o século XIII que a pregação popular das ordens mendicantes tinha avolumado a eterna lembrança da morte num coro sombrio que evocava por todo o Globo. Nos fins do século XV novo meio de inculcar o temível pensamento em todos os espíritos veio juntar-se às palavras do pregador, a popular gravura em madeira. Mas estes dois meios de expressão, sermões e gravuras, dirigindo-se ambos à multidão e limitados aos efeitos directos, apenas podiam representar a morte numa forma simples e óbvia. Tudo o que a meditação dos monges do passado tinha produzido era agora condensado numa imagem muito primitiva. Esta imagem, vívida, continuamente impressa nos espíritos, pouco mais assimilara do que um elemento do grande complexo de ideias relacionadas com a morte, nomeadamente o sentido da perecível natureza de todas as coisas. Parecia, por vezes, que a alma do declinar da Idade Média só era capaz de ver a morte nesse aspecto (HUIZINGA, s/a, p. 143).

A morte, presença constante nas almas medievais não transparece apenas através do medo da finitude da vida. Ela é quase tangível nas visões de decomposição dos cadáveres, dos corpos em putrefacção:

Até bastante tarde no século XIV, os túmulos são adornados com imagens horríveis de um cadáver nu com mãos enclavinhadas e os pés histos, a boca aberta e as entranhas cheias de vermes. A imaginação daqueles tempos deleitava-se com estes horrores, sem ver que a própria corrupção perece e as flores nascem onde ela existiu (HUIZINGA, s/a, p. 143).

No trecho acima fica clara a dualidade que atravessa a obra de Huizinga. A morte em sua face macabra, na medida em que sensualiza os indivíduos através do horror exposto tem uma dupla função pedagógica: mostrar aos homens e mulheres que ao morrer todos estão destinados a um mesmo fim (através da decomposição física dos corpos) e, por outro, demonstra que da corrupção dos corpos a vida pode “renascer” (*a própria corrupção perece e as flores nascem onde ela existiu*).

Portanto, a visão dualista do historiador holandês sobre o medievo como um período de fome, misérias, doenças, ódio, não retira do mesmo o reconhecimento de que aquela também foi uma época de prazeres, dos amores e dos ideais. É este dualismo que o *Outono da Idade Média* carrega em si, ao mesmo tempo em que anuncia uma posterior “virada historiográfica” ao sinalizar o interesse por temas até então pouco apreciados no campo historiográfico como a morte, o amor, o corpo, etc.

Mesmo com suas fragilidades como o tratamento do período como um só bloco, ignorando as variações regionais e culturais, as discussões superficiais sobre alguns temas



como, por exemplo, o senso de decadência e a deturpação de algumas fontes para “encaixá-las” em seus propósitos, *O Outono da Idade Média* tornou-se um dos livros em que a própria obra torna-se história.

Em 2010, com a publicação da íntegra de *O Outono da Idade Média*, houve um retorno do interesse sobre as produções historiográficas de Huizinga, entretanto ainda são tímidos os trabalhos que se debruçam sobre sua obra completa, sua visão da História, sua atuação durante o período nazista e a problemática da recepção de suas obras⁵. Aqui apresentamos um breve esboço que teve como objetivo sinalizar alguns caminhos neste sentido, na esperança de instigar no leitor e na leitora a curiosidade sobre este importante historiador e quiçá contribuir para futuras pesquisas e trabalhos acerca da problemática do Medievo e suas cartografias identitárias.

Referências bibliográficas

BURKE, Peter. *Huizinga, profeta de “sangue e rosas”*. Apud HUIZINGA, Johan. *O outono da Idade Média*. São Paulo: Cosac Naif, 2010.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HUIZINGA, Johan. **My path to History**. In: *Dutch Civilization in the Seventeenth Century and other essays*. Londres: Collins, 1968.

HUIZINGA, Johan. *O elemento estético das representações históricas*. Tradução de Lucas Lacerda. Disponível em: <http://es.scribd.com/doc/129233393/70175602-O-elemento-estetico-das-representacoes-historicas-de-Johan-Huizinga-pdf>. Acesso em 13/05/2013.

HUIZINGA, Johan. *O outono da Idade Média*. São Paulo: Cosac Naif, 2010.

HUIZINGA, Johan. *O declínio da Idade Média*. Lisboa – Rio de Janeiro: Editora Ulisseia, s/a.

PAULA, João Antonio de. **Lembrar Huizinga:1872-1945**. In *Nova Economia*. Belo Horizonte, N.15 (1). p.141-148, janeiro-abril de 2005.

RIBEIRO, Naiara dos Santos Damas. **A morfologia histórica de Johan Huizinga e o caráter pragmático do passado**. In *História da historiografia*. Ouro Preto. Número 04. Março 2010. p.234-254.

RIBEIRO, Naiara dos Santos Damas. **Johan Huizinga e a História da Cultura: a dimensão ética e estética da História**. In *Anais das Jornadas de 2007*. Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ.

⁵ Somente seus livros mais conhecidos, *O outono da Idade Média* e *Homo Ludens*, foram editados em português.

